

Ficha Técnica	Ficha Artística
Produção – Sam Zimbalist, Metro-Goldwyn-Mayer (EUA)	Robert Taylor – Marco Vinício
Duração – 171 minutos	Deborah Kerr – Lígia Calina
Realização – Mervyn LeRoy	Peter Ustinov – Nero
Argumento – John Lee Mahin, S. N. Behrman, Sonya Levien	Leo Genn – Petrônio
Fotografia (colorido) – Robert Surtees, William V. Skall	Patricia Laffan – Popeia Sabina
Música – Miklós Rózsa	Finlay Currie – Pedro
Cenografia – William A. Horning, Cedric Gibbons, Edward Carfagno	Abraham Sofaer – Paulo
Guarda-roupa – Herschel McCoy	Marina Berti – Eunice
Montagem – Ralph E. Winters	Buddy Baer – Urso
	Felix Aylmer – Aulo Pláucio
	Nora Swinburne – Pompónia
	Grecina
	Ralph Truman – Tigelino
	Rosalie Crutchley – Acte
	Elsbeth March – Míriam
	John Ruddock – Quilon
	Norman Wooland – Fábio
	Nerva
	Peter Miles – Nazário
	Geoffrey Dunn – Terpno
	Nicholas Hannen – Séneca
	Alfredo Varelli – Lucano

Observações: Filme nomeado para oito óscares da Academia, incluindo Melhor Filme, Actor Secundário (P. Ustinov e L. Genn), Montagem, Direcção Artística, Guarda-Roupa, Música e Fotografia.

NUNO SIMÕES RODRIGUES

***NO MORE BOOKS. JUST GIVE ME THE HERODOTUS*¹.
RELER HERÓDOTO EM *THE ENGLISH PATIENT* DE MICHAEL
ONDAATJE**

*In the emptiness of deserts you are always surrounded by lost history*²

Em 1996, chegou às salas de cinema a adaptação de Anthony Minghella da obra de Michael Ondaatje, *The English Patient*, vencedora do Booker Prize em 1992. Os estudos têm-se multiplicado, centrados, na sua esmagadora maioria, na temática pós-colonialista. Todavia, na prosa cativante do autor canadiano, aliás, muito semelhante à do próprio Heródoto, encontramos um fluir contínuo das *Histórias*. Neste pequeno ensaio, iremos concentrar a nossa atenção em três personagens, Lazlo Almasy, o deserto e Heródoto.

Uma Narrativa Fragmentada

O Paciente Inglês (PI) apresenta uma narrativa descontínua e fragmentada, onde o presente e o passado se confundem. A acção decorre em simultâneo no Norte de África (1938-1944), nos primeiros dias da Segunda Guerra Mundial e em Itália (1945), quando o conflito caminha para a sua conclusão. O romance conta, através de um mosaico de recordações (evocadas ambigualmente quer na primeira quer na terceira pessoa [PI, 244, 247]), pensamentos e conversas, a história de Lazlo Almasy, um explorador húngaro, que nos anos trinta cartografou e percorreu com a *Royal Geographic Society* o deserto norte africano, em busca dos oásis perdidos e do romance com uma mulher casada, que tragicamente alterou para sempre a sua vida.

Horrivelmente queimado e conhecido apenas como «O Paciente Inglês», o enigma que rodeia a sua identidade – revela-se incapaz ou recusa revelá-la – é o fio condutor da narrativa, à semelhança do conflito entre Gregos e Bárbaros, que unifica as *Histórias* de Heródoto. Mas, em simultâneo, é também uma busca pela identidade de Hana, uma enfermeira canadiana que abandonou as suas funções no hospital militar para cuidar do

²⁵ Ver M. WYKE, *Projecting the Past: Ancient Rome, Cinema and History*, New York/London, 1997, 111.

¹ Michael Ondaatje, *The English Patient* (PI), Picador, 1992, London, 118.

² PI, 135.

«Paciente»; de Caravaggio, um ladrão, também canadiano, que o esforço de guerra transformou em espião; e de Kip, um sapador indiano encarregado da desminagem do território. Nos últimos dias da guerra encontramos estas quatro personagens na Itália ocupada pelos aliados, reunidos pelo acaso numa vida arruinada, cujas características, devido aos bombardeamentos, acentuam igualmente a fragmentação da narrativa. Os destroços impedem a entrada em alguns quartos, enquanto a biblioteca é visitada pela lua e pela chuva, devido a uma cratera de bomba, o que torna ainda mais imperceptíveis as fronteiras entre o interior e o exterior. Também as lacunas no enredo das histórias que Hana lê ao paciente todas as noites, para que ele adormeça, sem lhe dar um sumário dos capítulos em falta, contribuem para esta atmosfera. Ela traz simplesmente o livro e indica o número da página, única coordenada para o seu ouvinte, e inicia a leitura (PI, 7-8), contando com o conhecimento que ele tem do mapa da história (PI, 94).

Mas, em simultâneo, uma concepção hesiódica de História (*Op.*, 106-194) emerge da narrativa. Para Ondaatje, o passado permanece vivo, a História repete-se e todas as guerras acabam por ser a mesma. A ofensiva aliada na Itália é descrita como a última guerra medieval onde se combate pelas mesmas cidades fortalezas que «had been battle over since the eight century (...) if you dug deep beneath the tank ruts, you found bloodaxe and spear». Os paralelos entre a guerra moderna e os conflitos medievais levaram os aliados a recorrer aos académicos que estudavam o período e que constantemente se esqueciam que o avião fora entretanto inventado (PI, 69).

Na própria descrição do Paciente, encontramos estas lacunas que derrubam as barreiras do tempo e da história. A cruzada para se libertar da sua identidade, nação e raça, para se perder num mundo sem nações ou fronteiras, concretiza-se aquando da queda do seu avião no deserto. Assemelhando-se à escultura do cavaleiro de Ravena, há muito falecido, transporta-se facilmente para a Itália renascentista de Pico della Mirandola (PI, 56-58), ou para o mar interior do Sahara que ali existiu há muitos séculos (PI, 18-19). Através do fogo perdeu a cor da pele e a identificação, o que lhe permite assumir simbolicamente a identidade do deserto. «All pilots who fall into the desert none of them come back with identification» (PI, 28-29). É numa das primeiras descrições, «very english except for the fact his skin was tarred black, a bogman from history among the interrogating officers (...). He had rambled on, driving them mad, traitor or ally, leaving them never quite sure who he was» (PI, 96).

Em Heródoto encontramos uma «fragmentação» semelhante. À medida que o historiador relata a expansão do Império Persa, descreve a geografia, história e costumes dos povos que foram sendo integrados no seio do mundo aqueménida. Desta forma, legou-nos um mapa do mundo conhecido no seu tempo, onde o passado e o presente se encontram unidos. Ao longo da obra, encontramos ainda episódios a que prometeu regressar mais tarde e que acabou por nunca fazer, como por exemplo os *logoi* assírios (Hdt. 1.106, 184) ou o episódio de Efilates (Hdt. 7.223). É também frequente afastar-se da narrativa principal para nos contar um costume (Hdt. 2.66), um acontecimento que despertou o seu interesse (Hdt. 3.5-7) ou o fim abrupto de um episódio (Hdt. 2.100), defraudando a expectativa do leitor que esperava mais pormenores, para regressar à narrativa principal. O texto foi dividido em nove livros no período helenístico e o resultado final resulta intrigante. O *logos* da revolta jónica encontra-se dividido pelos livros cinco e seis, enquanto os antecedentes de Plateias, por sua vez, estão entre o oitavo e o nono. Também a conclusão da digressão pelo vale do Nilo nos parece não ter sido bem conseguida. Apesar de o segundo livro abarcar todo o *logos* egípcio, a conclusão do mesmo avança pelo terceiro, terminando apenas em 3.16.

The International Sand Club. Os Habitantes das Margens

There is, after Herodotus, little interest by the western world towards the desert, for hundreds of years from 425BC to the beginning of the twentieth century. There is an averting of eyes. Silence. The nineteenth century was an age of river seekers. And then, in the 1920s there is a sweet postscript history on this pocket of earth, made mostly by privately founded expeditions and followed by modest lectures given at the Geographic Society, in London at Kensington Gore. These lectures are given by sunburned, exhausted men who, like Conrad's sailors, are not to comfortable. With the etiquette of taxis, the quick, flat wit of bus conductors. When they travel by local trains from the suburbs towards Knightsbridge on their way to society meetings, they are often lost, tickets misplaced, clinging only to their old maps and carrying their lecture notes (...). These men of all nations travel at that early evening hour, six o'clock, when there is the light of the solitary (PI, 133).

Durante o reinado de Cleómenes, Aristágoras de Mileto chega a Esparta para tentar garantir o apoio espartano aos Iónios na sua luta contra os Persas. Fazia-se acompanhar por um mapa gravado numa «placa de bronze»,

onde estava traçado o «perímetro da terra e a totalidade dos mares e rios». Tentava desta forma seduzir os Espartanos, mostrando-lhes a respectiva localização geográfica dos diferentes povos que habitavam a Ásia e as suas riquezas, «uma vez que este continente as possuía em maior quantidade que todos os outros povos juntos». Esta digressão geográfica culmina na «famosa Susa», cidade onde o Grande Rei tem residência e onde estão depositados os tesouros reais. Infelizmente para Aristágoras, a cidade ficava a três meses de viagem desde a costa e, com base na distância, os Espartanos recusam o seu apoio (Hdt. 5.49), evitando assim a destruição do seu exército. Cambises, por seu lado, insiste na sua campanha contra os Etíopes, e lança-se com as tropas através de um território desconhecido. Quando ainda nem um quinto do trajecto estava percorrido, já não tinham mantimentos e, mesmo depois de comerem os animais de carga e as ervas que encontravam pelo caminho, continuaram a avançar. O rei apenas volta para trás quando, em desespero, alguns dos seus homens recorrem ao canibalismo, sacrificando um em cada dez homens (Hdt. 3.25). O comportamento de Cambises torna-se mais perceptível se levarmos em linha de conta que os Persas, convencidos da sua superioridade, consideravam os povos que viviam em territórios remotos a própria nulidade (Hdt. 1.134.2). Heródoto, no entanto, verifica que «foi aos extremos do mundo habitado que coube de algum modo em sorte o que há de melhor» (Hdt. 3.106): o ouro da Índia (Hdt. 3.106), o incenso, a mirra, a cássia, a canela, o láudano da Arábia (Hdt. 3.107) e o ouro, grandes elefantes e toda a espécie de árvores da Etiópia. «A última das terras habitadas, para os lados do sol poente, para onde declina a partir do meio-dia. Os homens são de entre todos os maiores, os mais belos e os que têm a vida mais longa» (Hdt. 3.114).

Os mapas dão poder a quem os tem ou elabora. São objectos que organizam o espaço através da construção de fronteiras artificiais e reforçam a ideia de Império e toda a diversidade que o integra, permitindo a sua administração e as operações militares. Em 1936, um casal recém-casado, Geoffrey e Katherine Clifton, junta-se à expedição de Almsy no deserto, onde encontraram um grupo heterogéneo que congrega várias nacionalidades (Alemães, Ingleses, Húngaros, Africanos) e a que Bagnold havia dado o nome de *Oasis Society*, que se reunia «at Dakhla and Kufra as if they were bars or cafés» (PI, 136). Afastado do mundo exterior e alheado das ideologias imperialistas que se preparavam para se digladiar em teatros de guerra por todo o globo, o grupo vivia imerso numa Idade de Ouro (Hes., *Op.* 109-115). Almsy gradualmente «became nationless and came to hate nations. We are

deformed by nation-states. (...) The desert could not be claimed or owned – it was a piece of cloth carried by winds, never held down by stones, and given a hundred shifting names long before Canterbury existed, long before battles and treaties quilted Europe and the East. Its caravans, those strange rambling feasts and cultures, left nothing behind, not an ember. All of us, even those with european homes and children in the distance, wished to remove the clothing of our countries. It was a place of faith. We disappeared into landscape. Fire and sand. We left the harbours of oasis. The places water came to and touched... Ain, Bir, Wadi, Foggara, Khottara, Shaduf. I didn't want my name against such beautiful names. Erase the family name! Erase Nations! I was taught such things by the desert» (PI, 138-139).

O desejo dos exploradores se despojam das respectivas nacionalidades, incluindo os que tinham deixado famílias para trás, encontra paralelo na deserção em massa de duzentos e quarenta mil soldados egípcios, durante o reinado de Psamético. Destacados nas fortalezas, os homens decidem por unanimidade, depois de discutirem o assunto entre si, desertar para a Etiópia, por estarem há três anos sem serem rendidos dos seus postos. Quando o faraó descobre as suas intenções, vai atrás deles e proclama-lhes um longo discurso, através do qual tenta aplacá-los e persuadi-los a não abandonarem as divindades ancestrais, as mulheres e filhos. Como resposta, e de acordo com a história, um dos soldados aponta para os genitais e comenta que poderia ter esposas e filhos em qualquer lugar. Chegados à Etiópia, confiam-se ao rei que lhes dá em troca um presente. Alguns dos etíopes tinham-se revoltado e os egípcios são enviados para os expulsar das suas terras, podendo depois instalar-se nelas (Hdt. 2.30). A acção dos soldados não era inédita na história egípcia e, já aquando das campanhas de Sesóstris, alguns dos seus soldados, fartos das conquistas, preferiram instalar-se na Cólquida, junto do rio Fásis (Hdt. 2.103).

A chegada dos Clifton assemelha-se à chegada dos espíões Ictiófagos ao reino dos «Etíopes de Longa Vida». Em ambos os episódios encontramos subjacente o mesmo motivo: espionagem. Depois de conquistar o Egipto, Cambises planeia as seguintes campanhas: contra os Cartagineses, Amónios e Etíopes. Se nas duas primeiras planeava enviar a marinha e um corpo de infantaria, para a última enviou em primeiro lugar os Ictiófagos, para recolherem informações sobre o povo e a sua Mesa do Sol, com o pretexto de estabelecer um pacto de amizade e hospitalidade com o soberano etíope (Hdt. 3.17-18). De acordo com a descrição herodotiana, perto da cidade existia um prado repleto de carnes cozidas de todo o tipo, e era dever dos cidadãos que

exerciam cargos políticos abastecer o local, de modo a que todos se pudessem servir durante o dia. Os habitantes locais contavam que era a própria terra que produzia aqueles manjares (Hdt. 3.18). Antes de partirem, Cambises industria-os no que deveriam dizer e dá-lhes presentes, uma veste púrpura, um colar de ouro, pulseiras, um frasco de perfume e um cântaro de vinho da Fenícia (Hdt. 3.20), bebida muito apreciada entre os Persas (Hdt. 1.133) e o único presente que impressiona o rei. Na sua opinião, a tinta das vestes disfarça as verdadeiras cores dos tecidos e o perfume que oculta os cheiros é um testemunho da corrupção em que a sociedade persa mergulhou, enquanto as jóias são grilhões com que os tentam atrair para a escravatura sob o jugo persa (FLORY, 1987, 98). No momento de entregarem os presentes e a mensagem de Cambises, o monarca etíope apercebe-se de imediato das verdadeiras intenções dos Ictiófagos e, apesar de considerar os presentes falsos e enganadores, envolve-se num diálogo com os espíões sobre as diferenças que distinguem ambos os povos e mostra-lhes o modo de vida do seu povo, interrogando-os sobre os costumes dos persas (Hdt. 3.21-24). A ânsia persa de conquistar novos povos e terras, nas palavras de Mardónio, «conquistámos os indianos, os etíopes, os assírios, entre muitas raças importantes que agora são nossas escravas. Porquê? Não porque nos tenham feito mal, mas apenas porque queríamos aumentar os nossos domínios» (Hdt. 7.9), é-lhe incompreensível, como já o havia sido para Tómiris (Hdt. 1.205-214). O rei considera Cambises um homem sem integridade e aconselha-o a «avançar contra o seu povo com toda a superioridade numérica, apenas e só quando os persas soubessem manejar arcos iguais aos que lhe envia através dos embaixadores» (Hdt. 3.21). Também para Almasi é inconcebível que os seus mapas tenham uma utilização militar: «this country – had I charted it and turned it into a place of war?» (PI, 260).

A chegada dos Cliftons e o encontro dos Ictiófagos com estes habitantes das margens simbolizam metaforicamente a convergência da Idade do Ouro em que os exploradores e os etíopes, justos e piedosos, vivem com a Idade do Ferro, personificada pelas potências europeias e pelos persas de Cambises (Hes., *Op.*, 109-119, 176-178, 189-194). Pode ainda ser estudada como um exemplo do confronto entre o «nobre selvagem» e o «agressor próspero», entre a natureza e a cultura. Ao contrário do monarca persa, cuja riqueza material se reflecte nos presentes que envia ao rei etíope e, em simultâneo, espelha a sua superioridade tecnológica e organizativa bem como o poder imperial, os Etíopes alimentam-se apenas dos alimentos e bebidas mais simples, que não sofrem processamento. Conhecem o leite e a água,

sendo-lhes totalmente desconhecido o vinho, por necessitar de fermentação e por ser já um representante da vida civilizada (FLORY, 1985, 81-82).

Geoffrey Clifton era um espião dos serviços secretos britânicos, que observavam com desconfiança os membros da *Oasis Society* e procuravam vigiar os seus movimentos. Esta desconfiança encontra-se espelhada no nome que Clifton escolhe para o grupo, *International Sand Club*, onde se denota uma crescente consciência inglesa perante as demais nacionalidades, encaradas como o Outro desconhecido. Clifton chega num avião, que diz ser um presente de casamento, o *Rupert Bear*, mas que na verdade é propriedade da coroa. Chega ao seu seio recomendado pela *Royal Geographic Society*, pela capacidade de fazer fotografia aérea de toda a área. Impressionado com as suas potencialidades como piloto, é considerado por Madox uma adição valiosa para o grupo. Almasi, todavia, encara-o com reservas. Clifton assume aqui o papel de agressor próspero que utiliza a sua superioridade tecnológica para espionar e, no fim, desmembrar o grupo.

Ao contrário de Madox, Almasi defende a prospecção cuidada e exaustiva no terreno que até aí tinham feito, complementada com informações de mapas e autores de outras épocas (PI, 135-136, 153), numa exegese semelhante à do próprio Heródoto na análise da geografia do mundo delineado pelos seus antecessores. O historiador rejeita por diversas vezes a geografia mítica do rio Oceano (Hdt. 2.21, 23; 4.8, 25, 36), argumentando que apenas temos como prova o testemunho dos poetas, e assinala vários espaços vazios em vários territórios situados na periferia das terras habitadas (Hdt. 3.98; 2.32; 4.17, 19, 185). Confessa-nos ainda o seu divertimento perante todas as tentativas feitas, até ao seu tempo, para desenhar o mapa da terra, sem que tenham conseguido produzir uma descrição aceitável. Uns desenham o Oceano a correr em volta da Terra, que seria redonda, e imaginam a Ásia do mesmo tamanho da Europa. Ao enumerar a geografia conhecida da Ásia, Líbia e Europa, acrescenta que a primeira foi, em grande parte, descoberta por Dário, que enviou uma expedição, onde se incluía Cílix de Carianda, para explorar a região do Indo. A geografia líbia, por seu lado, ficou conhecida após a circum-navegação de África, realizada por Fenícios ao serviço de Neco, faraó do Egipto. No que se refere à Europa, ninguém poderia afirmar se era ou não rodeada por mar do lado leste ou norte (Hdt. 4.36-45). De acordo com a concepção geográfica jónica apenas o Delta era considerado Egipto, sendo o restante território atribuído à Líbia ou à Arábia (Hdt. 2.15). Esta visão jónica colide com a divisão do mundo por eles definida, quando afirmam que este se divide em três partes – Europa, Ásia e

Líbia – uma vez que o Delta egípcio não pertence nem à Ásia nem à Líbia. Deveriam assim, na opinião de Heródoto, acrescentar uma quarta parte, pois de acordo com a sua descrição, o Nilo não é a fronteira entre estes dois continentes, mas divide-se e corre em volta, com o Delta a situar-se precisamente entre ambos (Hdt. 2.16). O Nilo intrigou-o profundamente e confessa-nos a sua incapacidade para encontrar informações sobre o rio e as suas misteriosas origens. Ninguém entre os sacerdotes egípcios ou entre os líbios, que explicasse a razão de a inundaçã o ocorrer durante o solstício de Verão e prolongar-se por cem dias (Hdt. 2.19). No fim dos cem dias, as águas retiram-se finalmente, exibindo desta forma um comportamento contrário a todos os demais rios (Hdt. 2.97). Uns cireneus contaram-lhe que, aquando de uma visita ao oráculo de Amón, conversaram com Etearco, o monarca local, sobre o mesmo tema. Este, por sua vez, contou-lhes o que tinha ouvido a uns Nasamonés, uma tribo líbia. Segundo o relato daqueles, alguns elementos da sua tribo empreenderam uma expedição para explorarem o deserto líbio. Depois de percorrerem as zonas desertas e uma área infestada por animais selvagens avistaram, ao fim de muitos dias, árvores que cresciam na planície. Quando tentaram colher os frutos que nelas cresciam, foram capturados por homens negros de pequena estatura que os conduziram através de pântanos até chegarem a uma cidade localizada perto de um grande rio que corria de ocidente para oriente e onde existiam crocodilos. Na opinião de Etearco, o rio seria o Nilo (Hdt. 2.32-33). Perante a escassez de informações e, como é seu hábito, apresenta-nos todas as teorias avançadas por diversos estudiosos gregos, afirmando, contudo, que estes apenas procuravam aumentar as respectivas reputações, e que duas delas não lhe pareciam sequer dignas de crédito, na sua opinião. A primeira defende que os ventos etésios impedem o Nilo de correr para o mar, o que provoca a inundaçã o. Todavia, o rio comporta-se da mesma forma quando estes não sopram. Se, de facto, fossem responsáveis pelo comportamento do rio, o mesmo aconteceria noutros rios que correm igualmente em sentido contrário aos ventos. A segunda hipótese, considerada mais ignorante do que a anterior por Heródoto, explica que o Nilo corre do Oceano, o que lhe permite o comportamento insólito. Apenas a terceira hipótese é considerada por ele a mais plausível, apesar de ser, em simultâneo, a mais afastada da verdade, ao defender que as águas do rio são provenientes do degelo das neves, o que lhe parece improvável, quando as zonas que percorrem são das mais quentes do mundo (Hdt. 2.20-22).

Almasy é um homem que «if left alone in someone's home walks to the bookcase, pulls down a volume and inhales it. So history enters us.

Information was like a sea in him. (...) Knew maps of the sea floor, maps that depict weaknesses in the shield of the Earth, charts painted on skin that contain the various routes of the crusades». Capaz de «recognize an unnamed town by it's skeletal shape on a map», apenas precisa do «name of a small bridge, a local custom, a cell of this historical animal and the map of the world would slide into place» (PI, 18-19). Os mapas dão-lhe uma fenomenal capacidade de navegação, são a sua bússola, confia implicitamente neles, mesmo nos mais antigos, e vai ser este conhecimento que o transforma num motivo de preocupação para os aliados. Caravaggio resume-o sucintamente: «Knew every water hole and had help map the Sand Sea. He knew all about the desert, knew all about dialects». (PI, 163). Todavia, foi igualmente esta capacidade de desenhar mapas que levou os beduínos a salvá-lo depois de o seu avião se ter despenhado no deserto. Podia ser-lhes útil. «For some he draws maps that go beyond their own boundaries and for other tribes too he explains the mechanics of guns» (PI, 22).

Sempre acompanhado pelas *Histórias* de Heródoto, uma presença constante na narrativa e testemunha silenciosa do seu romance com Katherine, transforma-as no seu «guidebook, ancient and modern of supposed lies and only connection with the world of cities» (PI, 243,133). A sua edição de 1890 tem «twice its original tickenness» (PI, 94-95). Acrescentou-lhe «pages from other books [by cutting and gluing], (...) fragments –maps, diary entries, writings in many languages, paragraphs cut out from other books» (...) or writing his own observations – so they all are cradled within the text of Herodotus» (PI, 16, 96). «He bought pale brown cigarette papers and glued them into sections (...) that recorded wars that were of no interest to him» (PI, 172). Mas, em simultâneo, «when discovered the truth to what had seemed a lie, he brought out his glue pot and pasted in a map or new clipping or used a blank space in the book to sketch men in skirts with faded unknown animals alongside them» (PI, 246). As anotações feitas durante as suas expedições transformam-se assim num suplemento às *Histórias*. Neste «vast and silent pock of the earth» (PI, 134), «região sem água e sem animais, sem chuva e arvoredo e nenhuma humidade nela existe», como Heródoto a havia descrito (Hdt. 4.185), Almasy complementa séculos depois estas informações. «I have seen in Tassili rock engravings from a time when the Sahara people hunted water horses from reed boasts. In Wadi Sura i saw caves whose walls were covered with paintings of swimmers. Here had been a lake. I could draw it's shape on a wall for them. I could lead them to its edge, six thousand years ago, (...) harpoons are still found in the desert. These were water people.

Even today caravans look like a river. Still today it is the water who is the stranger here. Water is the exile, carried back in cans and flasks, the ghost between your hands and mouth» (PI, 18-19, Hdt. 3.5-7).

Ao contrário da estátua, encontrada num museu francês, que acompanha algumas edições da obra de Heródoto, imagina-o mais como «one of those spare men of the desert who travel from oasis to oasis, trading legends as if it is the exchange of seeds, consuming everything without suspicion, piecing together a mirage» (PI, 118-119).

Nesta descrição, reconhecemos, no filme, o idoso guia árabe que lhe forneceu as informações e referências geográficas, transmitindo-as através de um relato poetizado que o conduziu finalmente ao oásis de Zorzura (PI, 140-141). Enquanto os guias árabes se reúnem para a sua oração, Almasy afasta-se do grupo e sobe um rochedo que o havíamos visto desenhar numa cena anterior. Quando pára, ergue o olhar e coloca a sua mão numa antiga impressão de uma mão. Ao avançar, descobre a gruta dos nadadores com a decoração que lhe deu o nome, enquanto ouvimos as orações ao longe. Em contraponto com um Clifton confiante na sua superioridade tecnológica, Almasy assume-se como um nobre selvagem, fiel ao seu ódio às nações, que decifra as informações semelhantes em parte, à mensagem codificada que os Citas enviam a Dario, aquando da invasão do seu país pelas tropas persas. Tal como a impressão da mão, deixada há muito como um testemunho de presença intemporal pelos seus habitantes, um mensageiro entrega-lhe como presente uma ave, um rato, uma rã e cinco flechas, recusando-se, no entanto, a revelar o seu significado, perante a perplexidade dos Persas. Apenas Góbricas, após várias tentativas de interpretação, compreende o verdadeiro significado (Hdt. 4.131-132): «Se vocês, Persas, se não tornarem aves e não se erguerem nos céus, ou ratos e se não enfiarem na terra, ou rãs e não saltarem para os charcos, não hão-de regressar a casa, vitimados pelas nossas flechas» (Hdt. 4.131-132). Os homens e as nações nascem, crescem e desaparecem nos anais da História, mas os desertos permanecem....

Em certa medida, estamos perante uma actualização e uma apropriação das *Histórias*, que homenageiam em simultâneo o autor, que após mais de vinte séculos mantém toda a sua actualidade e pertinência, e os exploradores que durante as primeiras décadas do século passado cartografaram os últimos territórios desconhecidos. Apesar de todas as liberdades poéticas a que se permitiu na construção das personagens, Ondaatje resgatou à noite da História e ao silêncio do deserto os nomes e os feitos destes homens....

Referências Bibliográficas:

Flory, Stewart (1987), *The Archaic Smile of Herodotus*, Detroit, Wayne State University Press.

Heródoto (1997), *As Histórias, Livro III*, tradução, introdução e notas de Maria de Fátima Silva; Cristina Abranches, Lisboa, Edições 70.

Heródoto (2000), *As Histórias, Livro IV*, tradução, introdução e notas de Maria de Fátima Silva; Cristina Abranches, Lisboa, Edições 70.

Herodotus (1998), *The Histories*, tradução de Robin Waterfield, introdução e notas de Carolyn Dewald, London, Oxford University Press.

Ondaatje, Michael (1992), *The English Patient*, London, Picador.

NÍDIA CATORZE SANTOS